



# EVOCAÇÃO de MÁRIO LOBO AZEVEDO

Adriano Moreira  
Gonçalo Ribeiro Telles  
Manuel Ferreira Patrício  
Carlos M. Portas  
Mário de Carvalho  
Francisco Castro Rego

CONFERÊNCIA DE HOMENAGEM

11|12|2017

Sala de Actos  
Instituto Superior de Agronomia, Tapada da Ajuda, Lisboa





## I

### **Adriano Moreira**

#### **Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa**

Conheci pessoalmente Lobo de Azevedo quando nomeei, em 1962, o notável Almirante Sarmiento Rodrigues para Governador-Geral de Moçambique, associado a um ambicioso programa de desenvolvimento sustentado incluindo profundas reformas sociais. Para a importante função de Secretário Provincial de Terras e Povoamento logo escolhemos, pelo prestígio académico, de professor e investigador, o jovem credenciado Lobo de Azevedo, que aliava a devoção pela “estratégia do saber”, ao culto de uma ética cívica inviolável, uma inquietação constante pelas humanidades, e uma intocável autenticidade de comportamento. Não transigiu por isso com impostas cedências programáticas, e por isso logo em 1964 regressou à vida universitária que interrompera apenas por civismo. Aqui teve Évora a vantagem de o ter como primeiro Reitor da Universidade, reatando com brilho a tradição e a história com inquebrantável sentido de modernidade, enfrentando com autoridade as dificuldades de percurso da época, e deixando um legado que de novo enriqueceu o património científico e cultural português, não apenas no território nacional, mas na herança que pertence a Moçambique (1960), a Angola (1968) e de modo geral a África (1964). Ensinava o Professor Craveiro da Silva, que for Diretor do Instituto de Ciências Sociais e Economia de Évora, e seria primeiro Reitor Eleito da Universidade de Braga, que neste mundo apenas conseguiremos deixar pegadas sobre a areia. Nenhuma brisa conseguirá apagar as pegadas de Ário Lobo de Azevedo, nem a admiração dos seus alunos, nem o respeito dos seus pares, nem a marca que ficou no coração dos seus amigos.

## II

### **Gonçalo Ribeiro Telles**

#### **Professor Catedrático Emérito e Arquitecto Paisagista**

Emocionado perante a responsabilidade de escrever umas linhas sobre o meu amigo Ário Lobo Azevedo, deixo umas palavras singelas de apreço pela amizade que nos uniu desde a minha entrada para o Instituto Superior de Agronomia (ISA).

Recordo o grupo restrito de alunos que, em 1940 iam ouvir, depois das cinco da tarde, no seu gabinete no ISA, o Professor Caldeira Cabral, o primeiro arquitecto paisagista português, na altura recém-formado na Alemanha, na Universidade de Friedrich Wilhelm, em Berlim. Esse grupo integrava, para além de nós os dois, o Azevedo Coutinho e o Eduardo Cruz de Carvalho, entre outros.

Recordo também muitas lutas comuns, quando da discussão de planos de ordenamento do território, em particular quando nos anos noventa em Lisboa, conseguimos travar o projecto de construção da via da meia encosta na Tapada da Ajuda, e em 1999 - 2002 no Concelho de Cascais, conseguimos impedir urbanizações megalómanas no Parque Natural Sintra - Cascais e noutros corredores ecológicos do Concelho.

O Ário ficará sempre na minha memória como um grande amigo e um grande aliado na luta pela defesa da paisagem e do nosso património cultural e natural.

### III

#### Manuel Ferreira Patrício

#### Reitor da Universidade de Évora (2002-2006)

#### ÁRIO LOBO AZEVEDO - PEQUENAS PALAVRAS SOBRE UM GRANDE HOMEM

1

O meu primeiro encontro com o Professor Ário Lobo Azevedo foi com o Reitor do Instituto Universitário de Évora (IUE), a seu convite. Estávamos no Verão, ou já no Outono, de 1974, ele tomara posse no dia 4 de Janeiro desse ano. A conversa que teve comigo foi directa e natural: convidava-me para ingressar no IUE como assistente-convidado na área da Pedagogia e Educação, com abertura para o desenvolvimento da carreira nas condições estabelecidas na lei. Ponderando com o devido cuidado a minha situação, entendi que devia aguardar o próximo concurso para professor efectivo e só depois considerar a hipótese que me era proposta, decerto aliciante para mim. O Reitor concordou comigo, mas achou que podíamos entretanto ir avançando com ideias e projectos que desde logo adiantassem o que seria o meu trabalho quando ingressasse oficialmente no IUE, o que implicava a ligação aos elementos adequados já recrutados. Aceitei a ideia. Assim se passaram as coisas nessa reunião. De lá saí com uma excelente impressão do Professor Ário Lobo Azevedo, que foi franco e directo no convite que me dirigiu, ao mesmo tempo que compreensivo da minha situação, ficando desde logo aberto o caminho para a evolução desejada. O convidado ficou a saber o que devia fazer e o convidante, Reitor Ário Azevedo, ficou a saber o que este seu colaborador docente pensava a respeito da educação e da cultura, da formação humana e profissional exigida pelo Portugal democrático com que a Universidade de Évora estava comprometida. Olhámos um para o outro como viemos a fazer toda a vida: ele certo de que eu cumpriria a minha palavra, eu seguro de que ele me apoiaria sempre no cumprimento livre da sua, como veio a acontecer sem uma excepção, até ao fim da vida. Foi o encontro de duas personalidades que viveram durante as dezenas de anos seguintes uma amizade de plena fidelidade aos valores de liberdade, solidariedade, dignidade e lealdade que foram a substância das nossas vidas. Anos de entrega plena à Universidade de Évora reinstaurada.

2

Foi Ário Lobo Azevedo uma notável personalidade. Tal facto viu-se sempre reconhecido pelos amigos e pelos adversários. O conceito de personalidade é complexo. Arriscarei dizer que o termo se refere à totalidade viva da expressão da pessoa, na unidade dinâmica das facetas ou componentes da mesma. Algumas dessas facetas ou componentes são intrínsecas à pessoa; outras são, digamos, circunstanciais. No que me toca, comecei por ser sensibilizado pela faceta circunstancial de Reitor. Tendo tomado posse no início de 1974, era urgente constituir o corpo básico de docentes da instituição para estruturar as áreas científicas e pedagógicas com que esta devia começar. Pelas informações que tinha recolhido, sabia que eu podia ajudar nesse sentido, no tocante à área da Educação, desde logo com realce para a formação de professores do ensino secundário, de que o sistema educativo carecia dramaticamente. Convidava-me, nesse contexto, para ser contratado pelo IUE como assistente-convidado, a ser integrado no que designou por Divisão de Pedagogia e Educação, que organizaria e coordenaria. Fiquei lisonjeado com o convite, que agradei. O Reitor acolheu favoravelmente a resposta ao seu convite e assim se iniciou o processo da minha integração no que veio a ser a Universidade de Évora, longa de mais de quatro décadas, no que me toca até à minha aposentação, em Março de 2006. Naquele encontro não nasceu apenas o compromisso de vir a integrar oportunamente a equipa docente do IUE, e logo depois a UE, aberto de imediato a prestar a colaboração que fosse desejável e compatível com a minha situação profissional oficial, o que efectivamente veio a acontecer. Com esse compromisso nasceu a amizade que veio a ligar-nos toda a vida, sem uma mácula ou dúvida. O Professor Ário esteve sempre

disponível para trabalhar em conjunto comigo, com a racionalidade, amizade e lealdade que eram timbre da sua pessoa. Abriu-me a porta da sua casa em Valverde, sua residência na Herdade da Mitra, e em Carcavelos, em sua casa. Abriu-me a sua família, com o centro na sua esposa, o que constituiu um privilégio para mim, consagrando e aprofundando a nossa amizade. Aquele encontro foi um momento decisivo na minha vida, na nossa vida. Em Outubro de 1975, o IUE fez chegar ao Secretário de Estado do Ensino Superior o projecto que o grupo de trabalho para o efeito constituído elaborara para avançar com a formação integrada dos professores não qualificados do ensino secundário. Uns meses mais tarde acompanhei-o ao Ministério da Educação onde foi encontrar-se com o Secretário de Estado do Ensino Superior, então o Professor António Brotas, para em conjunto ser analisado esse primeiro plano do IUE de formação integrada de professores do ensino secundário, ao mesmo tempo realista e inovador, que o Professor Brotas aprovou mas a que não pôde dar por si só execução. Esse plano mostra o sentido rigoroso, reformador e corajoso do Reitor Ário Lobo Azevedo. Deu-me o invejável privilégio de me associar a si no acto de análise do projecto do IUE, documento honroso para a instituição que liderava. Foi em Abril de 1976 que ingressei como assistente-convidado no IUE trabalhando sempre institucionalmente em diálogo efectivo com o Reitor. Com a amizade que toda a vida nos uniu, pude acompanhá-lo na obra que ele pensou e determinadamente conduziu em prol da Universidade de Évora e benefício do Alentejo e do País.

3

Foi Ário Lobo Azevedo um homem de cultura. Formado em Agronomia pelo Instituto Superior de Agronomia, da Universidade Técnica de Lisboa, era evidente para os que conviveram consigo a largueza cultural com que vivia a sua formação científica e técnica e o sentido cultural que conferia à sua acção profissional. Aliás, a cultura encontra no trabalho do agro (agri-cultura) o significado original do conceito mais largo e profundo que veio a ser o da palavra cultura. Ário Azevedo tinha consciência disso, assumia isso, vivia isso. Foi, nesse sentido, desde logo um homem de cultura, considerando e valorizando com liberdade as diversas e principais formas desta: a ciência, a técnica, a tecnologia, a arte, o mito, a religião, a literatura, o teatro, o cinema, a música, a dança, a filosofia, a educação, no sentido clássico e iluminista de paideia, a arte de viver com racionalidade e sensibilidade. Quem o conheceu de perto sabe que ele foi de facto, desta maneira plena, um homem de cultura.

4

Embalado na aura mágica desta ideia, sou levado a caracterizá-lo também como um pedagogo, distinguindo claramente, como entre nós se fazia no período que antecedeu a República e se fez até aos anos trinta-quarenta, o pedagogo do pedagogista. Pedagogo era o que realizava a educação e o ensino, o que na realidade educava e ensinava; pedagogista era o que escrevia ou falava sobre isso. No que toca ao Professor Ário, ele era no dia-a-dia um praticante da arte de ensinar e educar. Do ponto de vista da nossa formação como pessoas, cidadãos e docentes, o convívio com ele não era em vão. Com ele pensava-se: com atenção e rigor. Com verdade; consequentemente, culturalmente. Ele falava e ouvia. Fundamentava o que dizia, argumentava e contra-argumentava. Com naturalidade, sem esmagar. A conversa com ele era uma convivência racional amável. As razões vinham de um solo naturalmente cultural, numa atmosfera de óbvia inteligência, sem qualquer sinal de artificialismo cultural ou sugestão hierárquica. Isto na conversa livre, isto na conversa institucional, para resolver os problemas da Universidade. O pedagogo estava sempre presente no diálogo com o Reitor e até nos seus silêncios. Trabalhar e conviver com o Professor Ário era aprender, era respirar saber e cultura, informação e compreensão. Com simplicidade e modéstia. Ele também ouvia, no mesmo acto de convívio. Também sabia aprender. Como é próprio do verdadeiro pedagogo. A única ideologia que ele servia era a verdade nua e crua. Serviu-a sempre com coragem, como se sabe. É o que posso dizer do que vi.

5

Sou pessoalmente um bibliófilo. Gosto dos livros. Gosto de livros. Só me sinto bem rodeado de livros por todos os lados. Vejo no amor aos livros um sinal inequívoco de amor à cultura, ao saber, à obra criadora do espírito humano. A fraternidade desse amor senti-a eu ao longo de anos de trabalho e amizade com o Professor Ário. Ele foi um bibliófilo, um apaixonado pelos livros. Decerto iria agora continuar a lê-lo, nesta hora duvidosa da computação, em que o livro pode estar sob ameaça. Do que posso afirmar da sua personalidade profunda, penso que o bibliófilo Ário Lobo Azevedo não iria dispensar o livro do seu sacrário doméstico ou académico, o texto editado em papel, fossem quais fossem as adaptações incessantemente emergentes às novidades tecnológicas, sem menosprezo destas. Lembro-me de uma ida ao Porto, em que o acompanhei para uma reunião académica, em que combinámos ir dar uma voltinha por uma zona de alfarrabistas que ele conhecia: o gozo que isso nos deu, o prazer visivelmente físico que vi estampado no rosto do Reitor, Professor Ário. Próprio do homem de cultura que ele inequivocamente era. Um Reitor deve lê-lo. Ele era-o. Eu vi.

6

Não se pode dissociar a acção do Reitor Ário Lobo Azevedo da época histórica em que ela se desenvolveu: a época da revolução do 25 de Abril de 1974. Entre a tomada de posse do Reitor e da Comissão Instaladora e a Revolução de Abril não chegaram exactamente a passar 4 meses. Como era inevitável, a revolução trouxe consigo profundas mudanças políticas, sociais, académicas, culturais e outras, que introduziram instantaneamente dinâmicas difíceis de gerir. Foi assim em todo o País, foi assim em Évora, região particularmente aberta a dinâmicas revolucionárias radicais, que inevitavelmente se repercutiriam no projecto de instalação de uma Universidade nova - nova, mas com uma história brilhante e problemática de 4 séculos. Uma das dificuldades mais sensíveis que o Reitor teve de enfrentar foi a decorrente do processo de inviabilização por um grupo de estudantes politicamente organizados do Instituto Superior Económico-Social de Évora, entregue à direcção dos Jesuítas, acompanhado da pretendida criação da Escola Superior Bento de Jesus Caraça. O Reitor viu-se colocado no centro desse processo, que naturalmente se opunha à posição do Ministério da Educação. A personalidade do Reitor do então ainda Instituto Universitário de Évora manifestou-se com uma lucidez de relâmpago num episódio ocorrido numa reunião dos estudantes revolucionários a que o Professor Ário compareceu, na sede de uma sociedade operária de cultura e recreio. Em dado momento, no uso fulminante da palavra, dispara com um desafio um estudante: " Quem é o Reitor do Instituto Universitário?". Toma a palavra o Professor Ário: " Sou eu." " Está demitido!" - diz o estudante. Sem um segundo de demora, vem a resposta assombrosa do Reitor: " Tomei conhecimento." E assim a inanidade do pretensão golpe caiu por si. A resposta do Reitor pôs luminosamente à vista o absurdo de tudo aquilo.

7

Faceta importantíssima da personalidade de Ário Lobo Azevedo é a da cidadania. Ário Azevedo foi intrinsecamente um cidadão. Era impensável ver nele um português vinculado ao regime do Estado Novo. Ele era um opositor à ditadura vinda do 28 de Maio e prosseguida na Constituição de 1933. Na verdade, identificava-se com o modelo popperiano da sociedade aberta, opondo-se à sociedade totalitária. Só uma sociedade aberta é compatível com a existência e a prática da cidadania. Não pode existir cidadania nem existência cidadã numa sociedade totalitária. A esperança que aos portugueses trouxe o 25 de Abril foi a da liberdade política de criação e expressão do pensamento. Não tenho dúvidas acerca da convicção medularmente democrática do Professor Ário. Ele quis desde dentro de si próprio uma sociedade de cidadãos. Ele era, e queria que todos fossem, um cidadão. A cidadania é uma exigência, que nem todos vivem. É uma exigência crítica. Ele assumia-a para si e queria-a assumida por todos. Sabia que muitos a não assumiam. Fazia-o sentir a esses, o que lhes era desagradável. Convinha-lhes assinalar nele um défice de cidadania. Convivi com Ário Azevedo mais do que o suficiente para saber e afirmar que a vivência da cidadania era parte integrante da sua personalidade.

8

Cidadão e homem livre: eis duas componentes indissociáveis da personalidade de Ário Lobo Azevedo. Pensava por si, livremente, agia por si, por decisão da sua vontade, livremente. Nunca me passou pela cabeça vê-lo a ceder cobardemente perante a força, o medo da imposição da vontade alheia. Tal medo era incompatível com o cerne psicológico e axiológico da sua personalidade. Era, do ponto de vista da liberdade, um homem exemplar. Desde o sentir ao agir, desde o pensar ao fazer. A nossa amizade, que é conhecida e reconhecida por todos, foi sempre a de dois cidadãos e homens livres. Por isso foi tão sólida a nossa colaboração.

9

Este é o testemunho de um amigo. De um amigo genuíno. Que sabe que teve nele um amigo autêntico. Mas não foi a amizade que distorceu fosse o que fosse a verdade das coisas no testemunho que vos deixo. Da primeira à última linha não me tremeu a mão uma só vez por estar a fugir à verdade. Acabo por ter de reconhecer que tive a felicidade de ter encontrado, convivido e trabalhado com um ser humano excepcional. Uma sorte que todos os dias agradeço a quem uma tal coisa se deve agradecer, provavelmente sem a concordância do próprio.

## IV

### Carlos M. Portas

#### Professor Catedrático Emérito da Universidade de Lisboa

O Professor Catedrático Ário Lobo de Azevedo (Professor Ário) foi uma das figuras mais destacadas (também além-fronteiras) em termos científicos, académicos, culturais e com grande capacidade realizadora, com quem eu convivi. Além disto devo-lhe boa parte do meu percurso académico e profissional.

Vi-o, ainda sem o conhecer, nos anos 50 numa prova académica no Instituto Superior de Agronomia (ISA). Eu era um jovem e desde então testemunhei o que era a sua enorme capacidade de análise e o seu invulgar conhecimento científico. Só mais tarde soube que ele era então pedologista da “escola” especializada em Ciências do Solo, criada no ISA e dirigida por outra notável figura, o Professor Catedrático Joaquim Botelho da Costa.

Foi também com a escolha dos Professores Ário Azevedo e Rui Pinto Ricardo que fui passar um ano em Angola (1960). O Professor Ário foi-nos visitar, fazendo trabalho de grande utilidade, nomeadamente no terreno, examinando os perfis de solo abertos, e analisando e classificando os solos. As relações com ele aprofundaram-se na preparação do meu relatório final de Curso, em que precisamente se refletiam os resultados destes trabalhos de campo.

Entretanto, é publicado o Dec.º Lei 40.900 de 12 de Dezembro de 1956 que teve como consequência a prisão de alguns estudantes. Nesta altura, ele pertenceu ao grupo de docentes do ISA que ajudava, do ponto de vista académico os alunos presos, grupo esse liderado pelo Professor Henrique de Barros, de quem ele era um grande admirador.

O Professor Ário era já há alguns anos Catedrático de Agricultura Tropical onde funcionava um curso autónomo que frequentei, sobre as espécies agrícolas mais abundantes no Ultramar, e foram outras lições que dele recebi. Depois disso entrei para 2º assistente do ISA, Secção de Solos e Meteorologia. Mais tarde, quando ele estava a terminar a sua estadia como Secretário Provincial de Agricultura de Moçambique, sua terra natal e onde se relacionara com o Reitor da sua Universidade, Professor Veiga

Simão (que mais tarde o escolheria para Reitor em Évora), convida-me a deixar solos e climas e a passar para a área da Agricultura e Culturas Agrícolas. Deste modo passo a 2º assistente do Sector de Agricultura do grupo do ISA, que tinha de facto várias lacunas (há sempre exceções) no ensino das respetivas disciplinas.

Desde então, o que aconteceu em termos de ciências da agricultura foi uma “aprendizagem moderna” com ele, que funcionou como meu padrão académico, o que significava que tinha por trás o seu empenho e esclarecimento. Deste modo, quando da sua ida para o Instituto Universitário de Évora fui integrado na Comissão Instaladora. Aqui o Professor Ário teve um papel notável na restauração e como Reitor da Universidade de Évora, que passou de Instituto para Universidade, sendo pioneira nacional de vários cursos como arquitetura paisagista com licenciatura igual aos restantes ensinos. E apesar de sermos bem poucos em Évora, o interesse dele veio ajudar a que novas instituições académicas se criassem como a de Trás-os-Montes e Minho.

Muito mais haveria a contar... Quando se iniciaram as suas dificuldades maiores de saúde, as visitas a sua casa deixaram-me lembranças inesquecíveis, não só da sua amizade e de sua Mulher, mas também a vontade de um singelo discípulo seu continuar a aprendizagem.

Lembrando sempre o Professor Ário.

## V

### **Mário de Carvalho**

#### **Professor Catedrático de Agricultura Geral da Universidade de Évora**

Tenho a sorte de contar com o Professor Ário como meu mestre e meu amigo. Foi meu orientador do trabalho final de curso, tendo posteriormente iniciado a minha carreira como seu assistente. A sua capacidade de tornar simples as matérias complexas, a sua visão sistémica da actividade agrícola e a sua perspicácia na análise das consequências futuras das decisões instantâneas, marcaram de forma definitiva a minha carreira profissional. Ao Professor Ário devo também o saber conciliar três dimensões indispensáveis a um professor universitário na área das engenharias. Ensinou-me a ter sempre presente a dúvida sistemática, própria da visão do cientista, que nunca pode dar nada como certo e definitivo e, assim, perante qualquer problema a necessidade de nos predisporarmos a estudá-lo sob perspectivas inovadoras. Ensinou-me também a resolver problemas com o conhecimento disponível, numa atitude típica de engenheiro que concilia as vertentes técnicas, económicas e ambientais em soluções compatíveis com as empresas agrícolas. Mas ensinou-me ainda que o saber não se esgota na ciência. A sua ânsia pelo saber em senso lato ensinou-me a olhar para além do meu interesse profissional imediato e tornaram inestimáveis as conversas que fomos tendo nos muitos momentos que passamos juntos.

Acontece que o Professor Ário, ao tempo em que fui seu assistente, era também Reitor da Universidade de Évora. Nas muitas horas que passei no seu gabinete aprendi também da responsabilidade de se assumir um cargo público. Assisti ao seu compromisso intransigente com o interesse colectivo, mas também à sua incapacidade de utilizar o seu poder em benefício próprio ou no prejuízo de algum opositor. A única circunstância em que assisti o Professor Ário usar o seu poder que não fosse no interesse da causa pública, foi na protecção de pessoas que, por algum infortúnio da vida, poderiam estar desprotegidos. Esta é uma qualidade humana que faz com que me orgulhe de, para além de ser seu discípulo, ser seu amigo.

Um bem-haja para si Professor Ário, porque é com gente assim que se vão engrandecendo as nações.



## VI

### Francisco Castro Rego

#### Professor do Instituto Superior de Agronomia

#### OS LUGARES DO PROFESSOR ÁRIO LOBO AZEVEDO NA MINHA MEMÓRIA

O Professor Ário de Azevedo tem lugares muito particulares na minha memória.

O primeiro dos lugares que, cronologicamente, o Professor Ário de Azevedo ocupa na minha memória tem a ver com o seu percurso profissional inicial. Quando, na minha adolescência, me iniciava no interesse pelas questões da Agronomia e da Silvicultura, através do meu Pai Zózimo Castro Rego e da minha tia Professora Teresa Cabral, o nome do Professor Ário de Azevedo começou a tornar-se também familiar, como um Engenheiro Agrónomo e Silvicultor muito respeitado nestas duas áreas, e um prestigiado Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia (ISA). Depois, já como aluno do ISA, estudei a Caracterização e Constituição do Solo pelo livro do Professor Botelho da Costa, grande pioneiro dos estudos de Solos em Portugal e aprendi nessa altura que o Professor Ário de Azevedo, seu colaborador, era a grande referência associada aos Estudos de Pedologia Tropical, já estabelecida a partir da dissertação sobre os “Solos de Angola e a Agricultura” com a qual prestou provas no concurso para Professor Catedrático no ISA, em 1954, um ano antes do meu nascimento.

O segundo lugar do Professor Ário de Azevedo na minha memória está absolutamente associado ao meu Pai a quem ouvia frequentemente referências sempre elogiosas e interessantes sobre o colega e amigo Ário com quem partilhava muitas das questões agronómicas que os motivavam. Dessas interações ficaram-me também relatos de viagens feitas na Europa pelos dois com as suas mulheres, relatos que confirmavam a minha ideia de duas personalidades muito diferentes mas que, talvez também por isso, muito se apreciavam mutuamente. Tenho dessa altura a ideia de que seriam sempre muito úteis e mutuamente agradáveis discussões científicas entre duas grandes inteligências também complementares nas suas áreas de especialidade: os Solos e a Água.

O terceiro lugar é já de uma apreciação mais directa. A partir de 1978, como docente do Instituto Politécnico de Vila Real, depois Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro e em seguida Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) não podia deixar de seguir com bastante atenção o percurso do Instituto Universitário de Évora, depois Universidade de Évora. Nessa altura ficou também claro o papel central do Professor Ário de Azevedo como organizador do Instituto Universitário e, depois em 1979, como primeiro Reitor da Universidade. Todos lhe reconheciam o mérito e demonstravam o respeito pela sua figura e acção. Tive nessa altura a oportunidade de lhe falar algumas vezes e ficou-me sempre a extraordinária impressão que se tem quando se fala com alguém que, para além de reconhecida autoridade e competência profissional, possui uma cultura geral inteligente só ao alcance de muito poucos. Claro que essa cultura estava informada por uma actividade e um espírito de colecionador de livros e de temas. Mas o que mais impressionava era a grande capacidade de síntese e de ligação das muitas peças com que o puzzle da vida se constitui. Como via a Física e a Química dos Solos duas matérias indissociáveis, também olhava para a Agricultura e Florestas na sua complementaridade. Por isso, quando me lancei a escrever o livro sobre a “Tapada de Mafra: uma história natural”, (2006) em que incluía temas bem diversos associados aos quatro elementos, e sabendo-o com mais tempo, ganhei coragem para lhe pedir o Prefácio. Para além da alegria que me deu em aceitar o convite, a maior honra que tive foi a de ter agradecido “ao amigo Francisco Rego a satisfação intelectual” que teve ao ler o livro. Foi um reconhecimento de amizade que calou fundo.

O quarto e último lugar é então já o de uma relação directa e pessoal, seguramente potenciada pelo facto de se ter também criado uma relação de amizade entre mim e a sua filha, Anamaria Azevedo, ambos Silvicultores filhos de dois amigos e partilhando, para além disso interesses e visões muito próximas sobre as questões florestais e especiais amigos comuns como a Maria do Loreto e também o Paulo Godinho. Mas o facto é que se estabeleceu uma relação também directa entre mim e o Professor Ário de Azevedo. E tivemos a partir daí algumas oportunidades de conversar em sua casa sobre temas de interesse comum, como as questões da mobilização mínima dos solos, de que sempre se mostrou grande defensor com argumentos constantemente actualizados. Um dos últimos temas de que falávamos era o da questão dos incêndios e da necessidade de que os responsáveis do combate conhecessem os regimes expectáveis do vento local. E chamava a atenção para o “Manual de Microclimatologia: O Clima da Camada de Ar Junto ao Solo” de R. Geiger publicado em 1961 pela Fundação Gulbenkian em tradução portuguesa por Ivone Gouveia e Francisco Caldeira Cabral, tradução em que tinha colaborado e que não tinha tido a necessária utilização. Claro que me voltei a debruçar sobre o livro que conhecia mal e aí se encontravam de facto numerosas pistas muito úteis para a compreensão destas matérias.

Foi este clima de grande gosto e apreciação pelas lições inteligentes e pela cultura transmitida pelo Professor Ário de Azevedo que fica no último registo da minha memória. E no processo de junção das várias peças que constituem os lugares da minha memória estão sempre associados pessoas e elementos. O Ar e o Clima Junto ao Solo constituem agora temas que me interessa melhor conhecer, revisitando autores e teorias. Mas, em relação aos outros elementos são claras as influências: A Água, fonte da Vida, devo-a naturalmente ao meu Pai, Zózimo Castro Rego. O Fogo veio, em doses variadas, através do meu Mestre José Moreira da Silva, mas também pelos Professores João Bugalho e Teresa Cabral. E a Terra, essa, com os seus Solos, estará para sempre associada no lugar da minha memória ao nome do Professor e Amigo Ário Lobo de Azevedo.